

ARQUIPELIZAÇÃO CULTURAL

ARCHIPÉLISATION CULTURELLE

Arnaldo Rosa Vianna Neto*
Universidade Federal Fluminense

RESUMO

O presente artigo traz uma reflexão sobre conceitos que procuram estudar o mundo em sua complexidade discursiva, como os de “arquipelização” e “crioulização”, desenvolvidos a partir de um pensamento descentralizado e conflitual que vem se impondo contra o discurso totalizador e monológico do Ocidente no cenário pluralístico das culturas contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE

Arquipelização, caos, região

A Édouard Glissant (*in memoriam*)

La pensée archipelique convient à l'allure de nos mondes. (...) Nous nous apercevons de ce qu'il y avait de continental, d'épais et qui pesait sur nous, dans les somptueuses pensées de système qui jusqu'à ce jour ont régi l'Histoire des humanités, et qui ne sont plus adéquates à nos éclatements, à nos histoires ni à nos non moins somptueuses errances. La pensée de l'archipel, des archipels, nous ouvre ces mers.

Édouard Glissant

MIGRAÇÕES CONCEITUAIS

Ante a complexidade do atual processo de reordenação discursiva global, quando se sucedem fluxos conceituais na representação das pluralidades nômade dos sincretismos culturais e da diversidade *ethnocultural*, é importante considerar o valor político do aparato conceitual de ideologias que atuam sobre a cartografia de regiões culturais resultante da ocorrência de fortes mutações em curso em nossas sociedades contemporâneas. No emaranhado dessas mutações, compreende-se que as ciências humanas e sociais, peças-mestras da representação da identidade histórica das nações modernas, assim como a arte e a literatura, sejam interrogadas sobre seu papel, quer

* rvnarnaldo@hotmail.com

seja do ponto de vista de seu estatuto epistemológico, quer de suas relações com o político e as manifestações do poder, do Estado, ideologias, dispositivos tecnológicos e formas de conhecimento científico.

Nesse âmbito, cria-se, entre formações discursivas ocidentais e étnicas, uma tensão dialógica responsável pela desconstrução de paradigmas reprodutores de conceitos monológicos privilegiados no quadro de uma dominação econômica e tecnológica que conseguiu impor políticas de mercado cultural em escala planetária. Tais dinâmicas decorrem de mutações discursivas provocadas por dialéticas sincréticas e dialógicas fundadas em desconstruções conceituais, nas quais se instaura não só o recurso à mímica (e não à mimese) do modelo europeu, mas também a constituição de sujeitos culturais híbridos que revelam, no jogo de semelhanças e diferenças, sua capacidade metamórfica. Assim, a problematização do conceito ocidental de identidade torna-se visível na elaboração de um pensamento complexo, descentralizado e conflitual que se vem impondo contra o discurso totalizador e monológico do Ocidente no cenário pluralístico das culturas contemporâneas.

A emergência dessa tensão discursiva nas Américas torna-se visível no âmbito de programas de pesquisas sobre construções identitárias pós-coloniais. Debates sobre práticas políticas dos discursos da modernidade, da modernidade tardia, pós-modernidade, sobremodernidade, ou qualquer outra designação com a qual se queiram identificar os sucessivos estágios da modernidade, têm privilegiado a abordagem da constituição de *ethoi* culturais migrantes. Nesse âmbito, inscreve-se a produção intelectual de pensadores comprometidos com um discurso orientado para a revisão epistemológica de paradigmas culturais dominantes em que se afirma a pretensão ao universal de um determinado *corpus* de obras canônicas, condenando-se à margem, ou deslocando-se para certas margens, a alteridade excluída. Citamos Stuart Hall¹ e seus conceitos sobre hibridação cultural – “as nações modernas são todas híbridos culturais”² –, sobre o descentramento e a fragmentação da identidade e do sujeito na modernidade tardia e na pós-modernidade, processos que caracterizam a crise da identidade e as formações discursivas, ou dispositivos discursivos, em que se representam diferenças culturais. Citamos Homi Bhabha, cuja obra permite articular o conceito de hibridismo cultural resultante de deslocamentos e reterritorializações históricas com a produção de um entre-lugar marginal estranho aos cânones hegemônicos, em que se pratica não só a desconstrução de essencialismos, mas também a mediação do confronto entre sistemas culturais diversos.³ Citamos Silviano Santiago com sua tese sobre a constituição de um entre-lugar característico de uma discursividade híbrida nas Américas entre o renascimento colonialista e o processo de descolonização, no qual se identifica essa alteridade discursiva a partir do mestiçamento etnocultural, responsável pelo esvaziamento sistemático dos conceitos ocidentais de unidade e pureza.⁴ Segundo Silviano Santiago, o renascimento colonialista, tendo sido marcado antes pela prática da violência, com o uso arbitrário da ideologia etnocêntrica, do que pelas trocas culturais, produziu nas Américas construções identitárias que resultaram da exportação gradual de valores ultrapassados e

¹ Fundador do Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, Inglaterra.

² HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 62.

³ BHABHA. *O local da cultura*.

⁴ SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*. Ensaios sobre dependência cultural.

rejeitados pela metrópole, como assinalou Lévi-Strauss em *Tristes tropiques*: “Les tropiques sont moins exotiques que démodés.”⁵ Citamos Kwame Appiah, que analisa a interiorização do discurso do colonizador pelo colonizado, os papéis do dominante e o jogo de alteridades.⁶ Assim é a análise de Edward Saïd sobre os mitos do poder e do conhecimento ocidentais, responsáveis pelo confinamento da alteridade colonial em um sistema de semirrepresentação e migração.⁷ Assim Albert Memmi referencia em sua obra a persistência dos mecanismos da instituição colonial após a independência política, visíveis nos discursos de representações étnicas (as chamadas minorias, minorizações ou literaturas da exiguidade) no interior de Estados unitários, coloniais, regionais, insulares e nacionais.⁸ Assim é a análise de François Paré sobre as relações complexas com representações da alteridade escritas em língua de menor difusão e inscritas nas “pequenas literaturas” ou “literaturas da exiguidade”.⁹ Minorizadas pela institucionalização da exclusão e sujeitas ao universo do traduzível, e/ou objeto de tradução ou transferência para um meio “mais legível”, as “pequenas literaturas” põem em jogo a margem linguística que as determina e a manutenção da cadeia de reenvio à margem. Assim Pierre Nepveu conceitua como migrante a literatura que se caracteriza pela movência, a deriva, os cruzamentos múltiplos provocados pela experiência do exílio.¹⁰ Finalizamos nossa citação de pensadores comprometidos com a revisão epistemológica de paradigmas culturais dominantes com Édouard Glissant,¹¹ pensador antilhano a quem este artigo é dedicado, e sua poética da “relação”,¹² instaurada como resistência aos paradigmas hegemônicos por meio do uso estratégico da ambivalência inerente ao poder colonial.

Aborda-se, no referencial conceitual de Glissant, o conceito de insularização como interiorização da exiguidade insular, assim como se adotam políticas deliberadas de insularização da instituição literária ligadas à proteção da língua nacional, tomando-se a insularidade como estratégia. Glissant potencializa em sua obra o estudo das migrações *ethno culturais na região do Caribe afrolatino, especialmente nas Antilhas francesas, como referencial indispensável à pesquisa de identidades culturais nacionais afetadas pelo processo da globalização na modernidade tardia e suas consequências sociais, jurídicas e antropológicas na instituição de novos paradigmas políticos na pós-modernidade. Sua obra é referência para a leitura de formações discursivas egressas da partilha de um passado colonial que permeia todas as representações de poder e as figuras da alteridade inseridas nas construções culturais do Caribe como fenômenos produzidos por identidades ao mesmo tempo plurais e parciais com dupla ou múltipla inscrição cultural. É dele a elaboração de “la pensée de l’archipel, des archipels”, la pensée archipélique:*

⁵ LÉVI-STRAUSS. *Tristes tropiques*, p. 96.

⁶ APPIAH. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*.

⁷ SAÏD. *Culture et impérialisme*.

⁸ MEMMI. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*.

⁹ PARÉ. *Les littératures de l’exigüité: essai*.

¹⁰ NEPVEU. *Intérieurs du Nouveau Monde*.

¹¹ Pensador, escritor, dramaturgo, poeta e ensaísta antilhano, nascido em Sainte-Marie, Martinica (Département d’Outre-Mer de la Martinique, constituído em 1948), em 21 de setembro de 1928, e falecido em Paris em 3 de fevereiro de 2011. O pensamento da “crioulização” tem como data-marco a edição de *Le discours antillais* (1981), de sua autoria.

¹² Glissant recebeu, em 1991, o Prix International Roger Caillois por *Poétique de la Relation*, e o Prix de la Ville de Reims pelo conjunto da obra.

La pensée archipelique convient à l'allure de nos mondes. Elle en emprunte l'ambigu, le fragile, le dérivé. Elle consent à la pratique du détour, qui n'est pas fuite ni renoncement. Elle reconnaît la portée des imaginaires de la Trace, qu'elle ratifie. Est-ce là renoncer à se gouverner? Non, c'est s'accorder à ce qui du monde s'est diffusé en archipels précisément, ces sortes de diversités dans l'étendue, qui pourtant rallient des rives et marient des horizons. Nous nous apercevons de ce qu'il y avait de continental, d'épais et qui pesait sur nous, dans les somptueuses pensées de système qui jusqu'à ce jour ont régi l'Histoire des humanités, et qui ne sont plus adéquates à nos éclatements, à nos histoires ni à nos non moins somptueuses errances. La pensée de l'archipel, des archipels, nous ouvre ces mers.¹³

Do Caribe – onde se constitui “uma região cultural aberta, atravessada por uma multiplicidade de culturas”¹⁴ – aí se incluindo o mar como trânsito e passagem, mas também como lugar de circulação de elementos culturais diversos “qui réellement se créolisent, qui réellement s'imbriquent et se confondent l'un dans l'autre pour donner quelque chose d'absolument imprévisible”¹⁵ – surge a referência à figura da “difração” para definir a “arquipelização” como um movimento que se propaga em espiral em várias direções. Glissant revela o processo de “arquipelização” das Américas e da Europa, tomando metaforicamente o “arquipélago movente” das Antilhas, à deriva no mar do Caribe – “une mer ouverte, une mer qui diffracte (...) et qui porte à l'émoi de la diversité”¹⁶ –, como referência para a elaboração do pensamento sobre a “arquipelização” cultural planetária. Da mesma forma Glissant reescreve o conceito de região a ser definida pela “arquipelização” cultural:

Les Amériques s'archipélisent, elles se constituent en régions par-dessus les frontières nationales. Et je crois que c'est un terme qu'il faut rétablir dans sa dignité, le terme de région. L'Europe s'archipélise. Les régions linguistiques, les régions culturelles, par-delà les barrières des nations, sont des îles, mais des îles ouvertes, c'est leur principale condition de survie.¹⁷

Essas Américas são, em suas análises, um projeto cultural a ser produzido, e seu embrião estaria na vitalização de uma possível rede de trabalho intelectual que fosse capaz de distinguir raízes identitárias comuns e estabelecer pontes de relação solidária entre seus povos, uma vez que não parece possível uma solução individual para os países da região. Politicamente, as construções conceituais da “arquipelização” em seu trânsito para a “crioulização” partem, pois, da análise da modernidade em crise, da hesitação da Europa entre a tolerância multiétnica e a nostalgia nacionalista, em um momento em que as ideologias hegemônicas são incapazes de fornecer um modelo para o futuro.

A “Arquipelização” se instaura em um processo anterior ao da “crioulização” cultural, movimento que se define contra o apagamento identitário: “L'au-delà de la créolisation serait en effet le non-identitaire.”¹⁸ O *corpus* conceitual de Glissant se elabora como a concepção de rizoma, raiz que se multiplica em um processo de expansão

¹³ GLISSANT. *Traité du tout-monde*, p. 31.

¹⁴ VIANNA. *Crioulização e crioulidade*, p. 108.

¹⁵ GLISSANT. *Introduction à une poétique du divers*, p. 15.

¹⁶ GLISSANT. *Introduction à une poétique du divers*, p. 14.

¹⁷ GLISSANT. *Introduction à une poétique du divers*, p. 44.

¹⁸ GLISSANT. *Introduction à une poétique du divers*, p. 99.

ou progressão incontrolável. Assim, o conceito de “diversidade” tem como suplemento os conceitos de *trace-mémoire*, *tout-monde*, *chaos-monde*, *lieu*, “identidade-rizoma”, “relação”, “imprevisibilidade”, “opacidade”, a serem analisados em outros artigos.

LITERATURA, CAOS E UTOPIA

Admitindo-se, que, na reconstituição do memorial cultural “minorizado”, as migrações conceituais tenham um paralelo no imaginário romanesco em seu trânsito transdisciplinar, destaca-se a importância da informatividade e da interdisciplinaridade do discurso literário na assunção de um estatuto científico enquanto produtor de parcerias interculturais entre as sociedades crioulas das Américas. Segundo Glissant, à arte e à literatura seria outorgado o papel de uma pedagogia do “caos”, a construção de outra Babel, prática fundamental para as construções identitárias não só do povo antilhano, mas de todos os povos egressos dos sistemas de dominação:

Par-delà les luttes aiguës contre les dominations et pour la libération de l’imaginaire, s’ouvre un champ démultiplié, où le vertige nous saisit. Mais ce n’est pas le vertige qui précède l’apocalypse et la chute de Babel. C’est le tremblement initiateur, face à ce possible. Il est donné *dans toutes les langues*, de bâtir la tour.¹⁹

Partindo da afirmação de que “l’imaginaire a envahi le concept”,²⁰ Glissant referencia a literatura como “découverte du monde, comme découverte du Tout-monde”²¹ e destaca o percurso caótico da cultura, privilegiando o conceito de caos como relação fundada entre a diversidade e a unidade:

La culture est la précaution de ceux qui prétendent à penser la pensée mais se tiennent à l’écart de son chaotique parcours. Les cultures en évolution infèrent la Relation, le dépassement qui fonde leur unité-diversité.²²

Em relação às estratégias estéticas, a palavra “caos” tem, na obra de Glissant, uma conotação positiva – “rien n’est plus beau que le chaos – et il n’y a rien de plus beau que le chaos-monde”²³ –, que inclui a aceitação das zonas de opacidade pelo resgate de fragmentos culturais reconstituídos “em mosaico” na experiência comum de uma realidade nova. O conceito de “caos” não parte de uma visão apocalíptica e é elaborado sem conotações de incomunicabilidade ou babelismo.²⁴

A politização da subjetividade, da identidade e do processo de identificação constitui o grande marco da modernidade tardia, originando as chamadas políticas de identidade social em suas relações diretas com o descentramento conceitual do sujeito

¹⁹ GLISSANT. *Poétique de la relation*, p. 123, grifos do autor.

²⁰ GLISSANT. *Le chaos-monde, l’oral et l’écrit*, p. 125.

²¹ GLISSANT. *Introduction à une poétique du divers*, p. 91.

²² GLISSANT. *Poétique de la relation* (épigraphe).

²³ GLISSANT, *Le chaos-monde, l’oral et l’écrit*, p. 112.

²⁴ VIANNA. *Crioulização e criouldade*, p. 116.

cartesiano e sociológico que resultou na emergência de identidades abertas, inacabadas e contraditórias. Somente a aprendizagem do imaginário do *tout-monde* (a totalidade planetária), em que a atuação da arte é fundamental, pode ultrapassar, segundo ele, os limites da opressão conceitual. Trata-se de uma batalha “poética” contra a universalização e o monologismo cultural:

Il faut se battre, poétiquement, pour affirmer le droit à l'opacité de tous les peuples, c'est-à-dire que je n'ai pas besoin de comprendre un peuple, une culture, de la réduire à la transparence du modèle universel pour travailler avec, les aimer, les fréquenter, faire des choses avec. Et cela c'est un pas gigantesque que l'humanité, les humanités doivent franchir du point de vue de leurs conceptions mêmes du politique.²⁵

As culturas “minorizadas” sofrem da hipertrofia do simbolismo do espaço na qual se revela a ausência secular de história. Uma análise dos nacionalismos surgidos dos processos de descolonização torna visível, nos povos emergentes desse contexto em épocas diferenciadas, um confronto entre o desejo de resgatar e afirmar uma continuidade histórica e a compulsão para ingressar na modernidade de seu tempo. Segundo os cânones de uma cultura política vigente até então, o resgate do *continuum* histórico incide diretamente sobre a legitimação da soberania nacional, e o ingresso na modernidade instaura a possibilidade de participação na competitividade de mercado. Essa tensão é o pano de fundo das atuais políticas de naturalização do social e do político no momento em que se faz uma revisão do equilíbrio de forças na circulação dos recursos econômicos entre os centros hegemônicos do sistema mundial. Aí se inscreve a representação política de núcleos de resistência ao apagamento do patrimônio de saberes e fazeres de sociedades excluídas dos centros de poder, sociedades pluriétnicas em situação pós-colonial.

Um estudo da historiografia e das práticas políticas das sociedades pós-coloniais mostra a recusa do Estado em considerar o tempo como dimensão em que se organizam os jogos políticos. O determinismo do processo histórico, ancorado no par classe-raça, não conseguindo fazer acreditar na classe como objeto político natural do sistema de representações sociais, vem incidindo sobre a questão étnica. Os regimes coloniais tiveram mais sucesso com o investimento no conceito de raça, à medida que a ideia do caráter natural da identidade coletiva étnica, transmitida pela via da filiação, tornou-se o elemento central de estruturação das forças políticas em competição com os recursos, cujo acesso o Estado controla. Nos dois casos, a dúvida sobre a natureza do sucesso ou do fracasso persiste, uma vez que as demagogias políticas centradas na classe ou na raça parecem não ter impacto real senão sobre os discursos e as práticas no âmbito de um espaço estatal. A consciência de que a classe constitui uma clivagem de acesso ao poder e aos recursos provocou nas culturas populares urbanas de várias sociedades pós-coloniais um comportamento compulsivo na busca do essencialismo identitário atrelado às memórias, muitas vezes congeladas em um espaço significativo de tempo. As sociedades que giram em torno de suas tradições, arquivadas em textos, artefatos e imagens, presumivelmente herdadas de seus ancestrais, trabalham sua continuidade histórica recuperando uma cadeia de atos necessários que supõe a existência de verdadeiros e

²⁵ GLISSANT. *Le chaos-monde, l'oral et l'écrit*, p. 128.

falsos atores sociais e políticos. Há sociedades que herdaram o patrimônio de saberes e fazeres em virtude dos direitos “naturais” de nascimento e de filiação, mas também há as que usurpam essa herança ou ainda as que a negam.

É nesse processo que se coloca a questão das convergências e diferenças culturais e sua dimensão política. A diferença, que tem sua fonte em uma distinção culturalmente dada, assegura a possibilidade de comunicação e torna possível o político, uma vez que uma comunidade, concebida como unidade perfeita de indivíduos idênticos em um sistema de autogestão, não teria necessidade do outro nem possibilidade de comunicação com o outro. Se a realidade política de uma comunidade se estrutura em torno de uma representação sociocultural que lhe confere especificidade no sistema contemporâneo das representações, uma representação é relativa em relação a outras, em relação à dos outros. Portanto, a discussão sobre os conceitos (entre outros que incluem a questão da convergência e das diferenças culturais) de classe, raça, etnia e sua constituição em atores políticos virtuais a serviço dos mecanismos ideológicos de poder, constitui-se em um necessário objeto de pesquisa.

Acompanhando-se a (des)construção dos conceitos, elaborada nas práticas de esvaziamento e ressignificação de conteúdos culturais ao longo da história colonial e do pós-colonialismo nas Américas, vê-se que as migrações conceituais devem-se às tensões criadas pela retórica bipolar de centro e periferia, identidade e diferença, dominante no Ocidente. Kwame Appiah, estudando os processos de construções identitárias étnicas, nacionais e supranacionais na lógica dos discursos da modernidade e suas extensões nos vários pós-modernismos contemporâneos, confronta, em uma abordagem intercultural, construções conceituais africanas, norte-americanas e europeias. Do confronto ele aponta a “celebração de si mesmo como o Outro”,²⁶ ou seja, a exacerbação da alteridade colonial, denominada por ele de “alterismo”, como uma das causas da legitimação da soberania de sistemas políticos que privilegiam mecanismos classificatórios e/ou discriminatórios no Ocidente. De fato, procedendo-se à análise de um inventário histórico dos conteúdos semânticos do conceito nos paradigmas discursivos dos processos de colonização e descolonização, e em situações pós-coloniais específicas, pode-se confirmar a elaboração e a permanência de um discurso colonialista baseado em relações de poder antagônicas e conflituais. Dessa forma, as potências coloniais não apenas esvaziaram especificidades culturais, mas também interromperam a circulação de bens de capital cultural entre unidades nacionais e regionais capazes de intervenção no âmbito das transformações da consciência social. Em contrapartida, o rastreamento do trânsito histórico do conceito na tessitura de discursos balizadores de uma consciência etnocultural evidenciará não só a construção de mecanismos de resistência e criticidade aos discursos dominantes, como também processos de redefinição identitária. Se, como ensina Appiah – “o mal que se faz é feito pelo conceito, e por suposições simplistas – mas impossíveis – a respeito de sua aplicação”²⁷ – pode-se concluir que tais dinâmicas decorrem de mutações discursivas provocadas por dialéticas sincréticas e dialógicas fundadas em desconstruções conceituais.

²⁶ APPIAH. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*, p. 217.

²⁷ APPIAH. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*, p. 75.

Ante o fracasso da modernidade em construir espaços de verdadeira ação democrática, enfrenta-se, hoje, segundo Glissant, o grave dilema da opção entre o fascismo e a criouliização, a identidade múltipla, a partilha da identidade, que é, entretanto, considerada uma via alternativa muito mais difícil que a da exclusão da diferença. Segundo ele, a “criouliização” é um processo permanente que convém à movência permanente do *chaos-monde*. Assim, Glissant defende uma ética (uma poética) de (re)construção de imaginários múltiplos no âmbito de um processo intercultural em que se privilegie o discurso da “relação” elaborado na solidariedade entre os povos e no respeito à sua autodeterminação, alcançando-se o produto imprevisível de construções culturais heterogêneas e complexas postas em relação.

Concluindo, a crença de Glissant no caráter político-pedagógico da literatura – “mais je crois que c’est dans les œuvres littéraires, et non dans les tentatives théoriques, que l’approche de la totalité-monde se dessine”²⁸ – parece estar ameaçada pelas linguagens telemáticas disseminadas pelos *mass-media* e pelo *ethos* determinado pelas relações de consumo nas sociedades contemporâneas. Ao relatar o depoimento de um de seus interlocutores sobre o papel reservado à literatura – “La littérature c’est une habitude, un mécanisme, un réflexe acquis, l’art, un artefact”²⁹ –, Glissant dialoga com Marc Augé e sua *anthropologie de la surmodernité*. Augé elabora o conceito de *non-lieux* como espaços de anonimato por onde o ser humano transita sem se apropriar deles e nos quais as relações sociais se resumem em relações de consumo, promovendo a estandardização dos sujeitos culturais e constituindo uma ameaça ao processo de “arquipelização” cultural. É que o Ocidente já não tem na arte e na literatura instrumentos de dominação e regência do mundo, buscando outros mecanismos de poder, como os dispositivos discursivos tecnológicos, renunciando definitivamente ao estatuto do *ser*. Nesse quadro, a literatura se torna apenas um mecanismo, um hábito, um reflexo adquirido e a arte, um simples artefato. O encontro, pois, de povos e culturas, e a possibilidade de construção de um novo *ethos* existencial, uma nova maneira de ser/estar no mundo, ideais defendidos pelo pensamento *archipelique* de Glissant – “La pensée dessine l’imaginaire du passé: un savoir en devenir. On ne saurait l’arrêter pour l’estimer, ni l’isoler pour l’émettre. Elle est partage, dont nul ne peut se départir ni, s’arrêtant, se prévaloir”³⁰ –, estariam fadados à representação discursiva das utopias? Seleccionamos, como provável argumentação do pensador antilhano à interrogação feita, a citação que segue como homenagem à sua Relação (uma Poética) solidária entre todos os povos:

Penser la pensée revient le plus souvent à se retirer dans un lieu sans dimension où l’idée seule de la pensée s’obstine. Mais la pensée s’espace réellement au monde. Elle informe l’imaginaire des peuples; leurs poétiques diversifiées, qu’à son tour elle transforme, c’est-à-dire, dans lesquels se réalise son risque.³¹



²⁸ GLISSANT. *Introduction à une poétique du divers*, p. 104.

²⁹ GLISSANT. *Le chaos-monde, l’oral et l’écrit*, p. 115.

³⁰ GLISSANT. *Poétique de la Relation* (épigraphe).

³¹ GLISSANT. *Poétique de la relation* (épigraphe).

RÉSUMÉ

Cet article présente une réflexion de concepts qui prétendent étudier le monde en sa complexité discursive, comme ceux de l'“archipélisation” et “créolisation”, développés à partir d'une pensée décentralisée et conflictuelle qui s'impose contre le discours totalisateur et monologique de l'Occident dans le scénario pluriel des cultures contemporaines.

MOTS-CLÉS

Archipélisation, chaos, region

REFERÊNCIAS

- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- AUGÉ, Marc. . Introduction à une anthropologie de la surmodernité. Paris: Seuil, 1992.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Miryam Ávila, Eliana Lourenço e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- GLISSANT, Edouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.
- GLISSANT, Edouard. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1990.
- GLISSANT, Edouard. Le chaos-monde, l'oral et l'écrit. In: LUDWIG, Ralph (Org.). *Écrire la parole de nuit*. La nouvelle littérature antillaise. Paris: Gallimard, 1994. p. 111-129.
- GLISSANT, Edouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.
- GLISSANT, Edouard. *Faulkner, Mississippi*. Paris: Stock, 1996.
- GLISSANT, Edouard. *Traité du tout-monde*. Paris: Gallimard, 1997.
- GLISSANT, Édouard; CHAMOISEAU, Patrick. *L'intraitable beauté du monde*. Adresse à Barack Obama. Paris: Galaade, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Plon, 1955.
- LUDWIG, Ralph. *Écrire la parole de nuit*. La nouvelle littérature antillaise. Paris: Gallimard, 1994.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. R. Corbisier e M. P. Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MOURALIS, Bernard. *Les contre-littératures*. Paris: Presses Universitaires de France 1975.
- NEPVEU, Pierre. *Intérieurs du Nouveau Monde*. Essais sur les littératures du Québec et des Amériques. Montréal: Boréal, 1998.
- PARÉ, François. *Les littératures de l'exiguïté: essai*. Ottawa : Le Nordir, 2001.
- ROBIN, Régine. Sortir de l'éthnicité. In: LACROIX, Jean-Michel; CACCIA, Fulvio. *Métamorphoses d'une utopie*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle et Tryptique, 1992. p. 25-43.

- ROBIN, Régine. À propos de la notion kafkaïenne de “littérature mineure”. In: _____. *Paragraphes, autrement le Québec*. Conférences 1988-89. Montréal, n. 2, p. 18-39, 1989.
- SAÏD, Edward W. *Culture et impérialisme*. Traduit de l’anglais par Paul Chemla. Paris: Fayard/Le Monde Diplomatique, 2000.
- SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos*. Ensaio sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- VIANNA, Magdala. Crioulização e criouliidade. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Niterói: Ed. UFF; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 103-123.